



FAXINFORME

CLIPPING

PUBLICO
P

PUBLICO
P2

Tiragem: 72.253

Área: 601cm²/ 64%

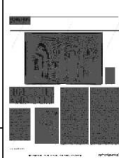
Data: 22.04.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:42

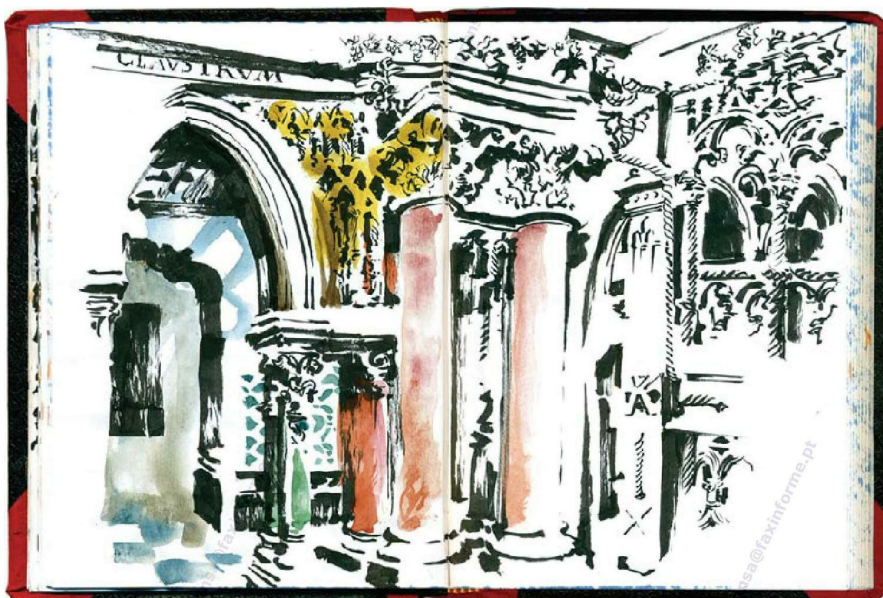


SEGREDOS QUE A ABADIA ESCONDE

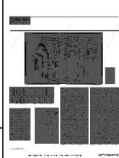
Na cave do Palácio Foz há um antigo restaurante

misterioso, que até aos anos 40 serviu de local de reunião para os maçons de Lisboa. Texto de Alexandra Prado Coelho e Ilustração de João Catarino

CRÓNICA URBANA
PALÁCIO FOZ, LISBOA



O Palácio Foz, desde 1858 nos Restauradores, foi encomenda dos marqueses de Castelo Melhor ao arquitecto italiano Francisco Xavier Fabri



Estou sozinha na Abadia, na cave do Palácio Foz, em Lisboa. Há uma ou outra luz num canto, mas de resto o espaço está mergulhado numa meia penumbra, e o som dos meus passos ecoa no chão de pedra. Há um poço que, dizem, conduz aos subterrâneos de Lisboa, há pombas brancas nas paredes, e, vendo melhor, também gaivotas, e elefantes com as trombas enlaçadas, e videiras que sobem junto ao tecto. Há uma estátua de um homem dobrado sustentando uma coluna, e outra de um dragão com corpo de mulher.

“Clavstrvm”, lê-se por cima de uma arcada. A profusão de elementos decorativos é tal e tão variada que demoramos algum tempo a habituar os olhos à luminosidade e a conseguir perceber tudo o que nos rodeia. No início do século XX, a Abadia era um restaurante que servia para reuniões secretas da Maçonaria, e também da sociedade dos Makavenkos, o grupo criado por Francisco de Almeida Grandella com o objectivo fundamental de se dedicar a jantaradas e à boa vida – ou, como eles diziam (e como se pode ler em *Memórias e Receitas Culinárias dos Makavenkos*, da Colares Editora), “dar largas à alegria e elasticidade à tripa”.

Foi na Lisboa do século XVIII que os marqueses de Castelo Melhor encomendaram ao arquitecto italiano Francisco Xavier Fabri o projecto do Palácio que ainda hoje existe nos Restauradores. Quando, depois de interrupções várias, as obras terminaram finalmente em 1858, o palácio era sumptuoso e tinha (no local onde está hoje a Cinemateca Júnior) a primeira capela privada da cidade.

Mas tornou-se ainda mais faustoso pela mão do Marquês da Foz, que o comprou em 1889 e o decorou com o que de mais luxuoso existia naquele tempo. No início do século XX, o fim da monarquia

aproximava-se e o recheio do palácio foi leiloado, tendo, em 1902, sido alugado a Manuel José da Silva, dono do Anuário Comercial. Este subalugou parte do edifício ao Circo Price, que ali criou um teatro. Em 1910, o Palácio Foz passou para as mãos do Conde de Sucena, que alugou o espaço para vários tipos de comércio – ali funcionou a certa altura a delegação dos EUA, o Club Maxim’s, o Central Cinema, e a elegante Pastelaria Foz, com cinco portas para a rua e em cuja cave se escondia o restaurante Abadia.

Aqui em baixo é um pequeno labirinto. Do Clavstrvm passamos para o Refectorium – um espaço inspirado nos mosteiros da Ordem de Cister – onde, do seu lugar junto ao tecto, nos olham 24 bustos em miniatura de homens e mulheres, alguns com as insígnias maçónicas brilhando no peito. O guia *Lisboa insólita e secreta*, de Vítor Manuel Adrião, explica que a estátua do homem dobrado sustentando uma coluna, mesmo ao lado do poço, representa o Grande Arquitecto do Templo da Virtude e da Sabedoria, possuidor dos segredos da Arte Real (a Geometria e a Matemática).

Já me esqueci que lá fora fica a Avenida da Liberdade e que, subindo a escadinha atrás de mim vou dar à sala onde estão as funcionárias do Gabinete para os Meios de Comunicação Social, que hoje funciona no Palácio Foz (e que pode ser contactado para visitas guiadas à Abadia).

Na cave é outro mundo. E se ficarmos um bocado não é difícil começar a ouvir, lá ao longe, os vozeiros animados dos maçons ou dos makavenkos, fumando charutos, dizendo graças, e descendo para mais um grandioso jantar – ou, quem sabe, para uma decisiva reunião secreta – entre as paredes misteriosas da Abadia, observados apenas pelas gárgulas, os elefantes e o Grande Arquitecto.

